

Unidade Curricular

Comunicação e expressão corporal

Material de apoio à ação
docente



**SECRETARIA DE
EDUCAÇÃO E ESPORTES**

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL
GERÊNCIA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

Secretário de Educação e Esportes

Marcelo Andrade Bezerra Barros

Secretário Executivo Planejamento e Coordenação

Leonardo Ângelo de Souza Santos

Secretária Executiva do Desenvolvimento da Educação

Ana Coelho Vieira Selva

Secretária Executiva de Educação Profissional e Integral

Maria de Araújo Medeiros

Secretário Executivo de Administração e Finanças

Alamartine Ferreira de Carvalho

Secretário Executivo de Gestão da Rede

João Carlos Cintra Charamba

Secretário Executivo de Esportes

Diego Porto Perez



SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E ESPORTES

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL
GERÊNCIA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

Equipe de elaboração

Fábio Cunha de Sousa

Janine Furtunato Queiroga Maciel

Patrícia Morgana Andrade de Santana

Equipe de coordenação

Alison Fagner de Souza e Silva

Chefe da Unidade do Ensino Médio (GEPEN/SEDE)

Ana Carolina Ferreira de Araújo

Gerente de Políticas Educacionais do Ensino Médio (GEPEN/SEDE)

Durval Paulo Gomes Júnior

Assessor Pedagógico (SEDE/SEE-PE)

Revisão

Rosimere Pereira de Albuquerque



SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E ESPORTES

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL
GERÊNCIA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

Sumário

1. Apresentação	5
2. Expressão Corporal Como Linguagem: primeiras aproximações	7
Orientações para realização de atividades	15
Orientações para a avaliação	16
3. Práticas Corporais e Artísticas	17
Orientações para realização de atividades	23
Orientações para a avaliação	23
4. Referencial Bibliográfico	24



I. Apresentação

A Unidade Curricular *Comunicação e Expressão Corporal* se encontra na Trilha ComunicAÇÃO que integra o itinerário formativo Linguagens e suas Tecnologias, a partir da organização do novo currículo do Ensino Médio. Esta Trilha almeja que o jovem estudante possa “comunicar-se efetivamente em diferentes linguagens (verbal, não verbal, corporal, artística) diante dos desafios exigidos pelos multi e novos letramentos para repensar as novas formas de agir e interagir em sociedade, produzindo conhecimento de maneira ética, crítica e autônoma”, conforme consta no perfil do egresso descrito no Currículo de Pernambuco (2018).

A discussão sobre esta Unidade Curricular *Comunicação e Expressão Corporal* se mostra relevante, pois vai aprofundar os objetos do conhecimento já abordados na Formação Geral Básica (FGB) e as possibilidades do uso das diferentes linguagens, de maneira contextualizada, trazendo consigo várias categorias importantes para o interior da escola, como: linguagem corporal; linguagem artística; produção de discursos; estética e padrões de beleza; desempenho e relação de poder; questões socioculturais; comunicação de posicionamentos.

Assim, esta Unidade Curricular tem como ementa: Mobilização de conhecimentos para reconhecer a expressão corporal como linguagem. Identificação dos discursos (re)produzidos nas práticas corporais e artísticas em diferentes tempos. Fruição e vivências de práticas corporais e artísticas. Identificação e problematização em torno de questões relacionadas à estética, padrões de beleza, desempenho e relações de poder. Comunicação de posicionamentos individuais e/ou coletivos frente a questões socioculturais por meio de práticas corporais (dança, ginástica, jogos, lutas, esporte e práticas corporais de aventura) e/ou artísticas (artes visuais, dança, teatro e música).

Como guia para o desenvolvimento desta Unidade Curricular, temos duas habilidades específicas relacionadas ao eixo *Mediação e Intervenção Sociocultural*, o qual sugere um aprofundamento dos conhecimentos sobre questões que afetam a vida dos seres humanos e do



SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E ESPORTES

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL
GERÊNCIA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

planeta em nível local, regional, nacional e global, da compreensão de como esses conhecimentos podem ser utilizados em diferentes contextos e situações, além da ampliação das habilidades relacionadas à convivência e atuação sociocultural e utilizando-os para mediar conflitos, promover entendimentos e propor soluções para questões e problemas socioculturais e ambientais identificados em suas comunidades, conforme os Referenciais Curriculares para a Elaboração dos Itinerários Formativos instituído pela portaria nº 1.432, de 28 de dezembro de 2018.

São elas:

(EMIFLGG07PE). Identificar e explicar as relações estabelecidas entre indivíduo e sociedade, por meio de práticas de linguagem, tendo como referência a expressão corporal e a artística.

(EMIFLGG08PE). Selecionar e mobilizar, intencionalmente, conhecimentos para reconhecer e utilizar a expressão corporal e artística como linguagem, propondo mediação e intervenção sociocultural, de forma ética, com respeito às diferenças e à diversidade de ideias e opiniões.

Portanto, nas páginas a seguir discutiremos um pouco melhor sobre os conceitos estruturantes desta unidade curricular, apontaremos algumas orientações sobre possibilidades de atividades a serem desenvolvidas com os estudantes e sua avaliação, e ainda traremos sugestões de bibliografia para aprofundamento.

Reiteramos que não temos a pretensão de esgotar a discussão acerca dessa temática neste material de apoio, dada a autonomia didático-pedagógica do professor. Trata-se de um primeiro material que dará suporte a este início de jornada no Ensino Médio em Pernambuco.



2. Expressão Corporal Como Linguagem: primeiras aproximações

[...] gestos e movimentos fazem parte dos recursos de comunicação que o ser humano utiliza para expressar suas emoções e sua personalidade, comunicar atitudes interpessoalmente e transmitir informações. [...] A linguagem ainda é entendida como um conjunto de códigos que podem ser transmitidos e compreendidos através da fala, da escrita, da leitura, da arte e do corpo (MATTHIESEN et. al., 2008, p. 131).

Somos seres sociais e por esse motivo buscamos as mais diversas formas de comunicação para expressar e compreender tudo que está ao nosso redor. Assim, cada grupo social descobre sua forma particular de se comunicar. E se pudesse pensar nessa comunicação, entendendo que os diferentes grupos terão diferentes linguagens, que tal ampliar esse olhar para a linguagem que cada corpo expressa, com uma linguagem não-verbal? Mas, como podemos pensar a junção dessa linguagem com expressão? Como pensar a expressão corporal como linguagem?

Para iniciarmos nossos diálogos e reflexões, trazemos a conceituação sobre expressão corporal trazido pelo Dicionário crítico de Educação física(2005):

“uma prática pedagógica que trabalha o movimento como arte – (do movimento), num elo entre técnica e criatividade. A prática pedagógica da expressão corporal valoriza o perscrutar da inventividade; permite várias interpretações dos movimentos, diversas formas de fazê-los; desperta sentimentos diferentes, torna os sujeitos especiais, porque lhes mostra que estão vivos e são capazes de criação, propiciando, assim, uma ruptura com as práticas estreitas da imitação” (p. 192-193).

Para cada expressão corporal expressa por um sujeito, podemos conjecturar que exista uma necessidade/intenção de comunicação, logo transformamos essa expressão em linguagem, que está a disposição de um sujeito inserido na sociedade. Assim, entendemos o porquê da linguagem ser fonte de curiosidade de inúmeras áreas de conhecimento. Podemos apontar os estudos na Filosofia, Psicologia, Sociologia, Epistemologia, Historia, Semiótica, Lingüística,



Antropologia etc. E no que concerne à sua natureza, é transdisciplinar e exige dos professores essa perspectiva em situação didática (BRASIL, 1999).

Se focarmos no olhar sobre a Educação Física e Arte, temos dois componentes curriculares distintos que dialogam pela utilização da linguagem verbal e/ou não-verbal na abordagem de seus objetos de conhecimento, situados numa mesma área, que é a das Linguagens e suas Tecnologias, o que já vinha sendo apontado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (1999), marcando a expressão que se potencializa nas diferentes formas de comunicação, agora corroborada pela Base Nacional Comum Curricular (2018).

Mas, de qual linguagem estamos falando? Essa linguagem deve ser compreendida e vivida por todos que compõem a comunidade escolar e fora dela. Essa mesma linguagem permeia nosso cotidiano, estreitando relações, aproximando grupos e culturas .

Pensando mais particularmente nos objetivos desta Unidade Curricular e sobre quais formas de linguagens se processam dentro da escola, podemos nos subsidiar nos estudos de Barros (2017) que estudou a linguagem e a educação física, conseguindo realizar um compilado com tipos de linguagens, suas descrições e em quais estudos podemos nos apropriar para dar vazão aos olhares sobre essa linguagem e o corpo.

Assim, Barros (2017) apresenta, em seu recorte para análise dos resultados, diferentes formas de enxergar a linguagem, o corpo, a mensagem e as intencionalidade sob a perspectiva de alguns autores, como pode ser observado a seguir:

LINGUAGEM - CORPO, CULTURA, HISTÓRIA, REALIDADE - relação dialógica com a realidade em seu fator intrínseco com a história e a cultura de uma determinada sociedade. Os estudos que propiciaram essa categoria empírica foram oriundos de Sapir-Whorf, Frege, Wittgenstein, Austin e Bakhtin.

LINGUAGEM - CORPO SIMBÓLICO: SIGNO, SENTIDO E SIGNIFICADO- o corpo como símbolo que se expressa através de códigos e/ou signos, configurando-se em sentidos e significados diante das interpretações sociais. Tal categoria empírica se alinhou com os estudos de Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, Ockham, Port-Royal, Locke, Sapir-Whorf, Peirce, Frege, Saussure, Russell Wittgenstein, Merleau-Ponty e Bakhtin.

LINGUAGEM - CORPO COMO COMUNICAÇÃO - compreensão do corpo que se apropria da linguagem como comunicação. A aproximação se fez com base nos estudos de Aristóteles, Locke, Sapir-Whorf, Merleau-Ponty e Bakhtin.



LINGUAGEM - CORPO COMO AÇÃO - realização da linguagem em atos e tem na ação seu foco de atuação corporal. Estudos de Austin, Peirce, Bakhtin confluíram para o levantamento dessa categoria empírica.

LINGUAGEM - CORPO: A ESSÊNCIA DO SER - a essência do Ser e sua atuação no mundo que se expressa em busca da verdade. Dois pensadores possibilitaram o entendimento dessa categoria empírica, são eles Heidegger e Merleau-Ponty.

LINGUAGEM - CORPO COMO EMOÇÃO - a linguagem asseverada pela expressividade através da emoção enquanto eixo dialógico do humano. Os estudos de Sapir-Whorf, Merleau-Ponty apontam para essa categoria empírica.

LINGUAGEM - CORPO COMO PODER - O poder e sua atuação nas relações sociais e em seus discursos, nas apropriações dos conteúdos exteriores ao humano decorrente do processo de dominação material e da expressão. A aproximação conceitual acerca de linguagem como poder se procede através dos estudos de Foucault.

(BARROS, 2017, p. 77)

A partir desse estudo, verificamos que a linguagem e o corpo caminham juntos, contudo as representações e suas ações estão à disposição dos diferentes sujeitos, situações, grupo, espaço social, regiões e, principalmente, depende da linha de pensamento e suas intencionalidades.

Importante refletir que,

As significações não são eleitas pelo homem, elas penetram as relações com as pessoas que formam sua esfera de comunicação real. Isso quer dizer que o estudante atribui um sentido próprio às atividades que o professor lhe propõe. Mas essas atividades têm uma significação dada socialmente, e nem sempre coincide com a expectativa do aluno. (Leontiev, 1981, apud Coletivo de Autores, 1992, p. 42)

Caro professor, o movimento é parte inerente do ser humano. Nossos estudantes não precisam participar de grupos de dança e/ou de teatro, ou ainda de qualquer outra situação que os faça compreender a expressão corporal fora da escola. Essa expressão, movimento e linguagem precisam ser sistematizadas no espaço escolar, mas como podemos explorar essas potencialidades desse sujeito social?

Por tudo isso, a expressão corporal deverá ser experienciada na escola, sendo estimulada, refletida, contextualizada e interpretada, possibilitando e considerando que todo esse conhecimento precisa ser sistematizado, pois :

Toda expressão humana – inclusive a fala - é gestual, e o gesto, ao produzir sua própria significação, é também capaz de investir-se de um



sentido figurado e significar fora de nós, no plano da intersubjetividade; por isso a fala é um gesto especial, porque permite retomar, de modo econômico, significações disponíveis; é a única operação expressiva capaz de sedimentar-se e de constituir um saber intersubjetivo (cultura). (BETTI, 2007, p. 210)

Nesse sentido, é um equívoco limitar a compreensão de linguagem apenas pelos pontos que estão escritos em textos prontos e organizados. É importante rever conceitos e compreender que a linguagem não-verbal é um texto vivido, de um corpo que está imerso em uma cultura, em uma sociedade repleta de possibilidades e contradições e, por isso, trará novos olhares , formas e características diferentes. É preciso tirar a “lente de aumento” para um único corpo específico, que possui sua expressão e se comunica, abrangendo e permitindo que sala de aula, seja o espaço de autoconhecimento, expressões e diálogos também não verbalizados, pois o cenário apresenta uma rica possibilidade de intervenção para os sujeitos históricos, advindos de diferentes culturas, com valores e realidades sociais.

Esses sujeitos históricos precisam compreender que seu corpo se expressa e quando ele se expressa, conseqüentemente, alcança diferentes propósitos Assim evidencia Soares(1992) quando afirma:

É uma linguagem um piscar de olhos enquanto expressão de namoro e concordância; um beijo enquanto expressão de afetividade; uma dança enquanto expressão de luta, de crenças. Com as mãos os surdos se comunicam pela linguagem gestual. É trabalho quando desenvolve diferentes movimentos sistematizados, ordenados, articulados e institucionalizados, transformados, portanto numa produção simbólica: um jogo, uma ginástica, um esporte, uma dança, uma luta. Finalmente, é poder quando expressa uma disputa ou desenvolve a força física para a dominação, por exemplo, numa luta corpo a corpo. (SOARES et al., 1992, p.39-40)

Diante do texto acima, percebe-se que as diversas formas de apresentação de uma manifestação corporal carregam um universo de simbologias que vão além do gesto em si, pois a dimensão da intencionalidade caracteriza a comunicação, e essa dimensão só pode ser potencializada através da consciência, do saber o porquê, do para quê, do aonde quero chegar, para além do fazer simplesmente.



SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E ESPORTES

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL
GERÊNCIA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

Articulado a isso, no caso desta Unidade Curricular *Comunicação e Expressão Corporal*, entender a historicidade da produção humana em torno das práticas corporais e artísticas é uma condição importante para agregar os conhecimentos já sistematizados nesse campo do saber, para que, ao vivenciar tais práticas, os estudantes possam ter clareza sobre o que estão estudando e possam elaborar seus próprios discursos, intencionalmente produzidos.



Produção de Discursos

Caro professor, qual seria a nossa função na escola? Começamos alertando que nossos estudantes apresentam todos os conhecimentos na palma da mão, mas como podemos materializar uma aprendizagem significativa a partir do confronto do saber empírico com os saberes científico sobre o corpo, expressão e a linguagem?

Inseridos na escola, os sujeitos e seus corpos terão acesso aos diferentes conhecimentos que irão compreender, analisar e vivenciar experiências cognitivas, sociais e motoras capazes de instrumentalizá-los a intervir na sociedade de maneiras diferentes. O Dicionário crítico de Educação Física (2005, p. 267) aborda um posicionamento sobre, e explica que “O corpo é uma ‘casa’ cheia de linguagens - vozes, sorrisos, sensualidade, sexualidade, gênero, raça, etnia - no sentido de que são marcas vivas, significantes, mutáveis, temporais, históricas”. Como é desafiante abordar inúmeras temáticas para que esse sujeito possa usufruir de todos os sentidos e significados dessa linguagem. Assim, esse corpo é um produtor de linguagem e dependendo da área de conhecimento que mediar esses processos de expressão trarão formas novas de linguagem e discursos como nos alerta:

Para Foucault, o corpo é uma superfície pré-discursiva sobre a qual se instalam os elementos da vida, das práticas culturais, da civilização, com suas respectivas coerções e disciplinas. Segundo Gil (1997) o corpo é um "operador discursivo", tem um papel de "mediação e integração", porque além de se construir nos discursos ele constrói os discursos. O corpo humano distingue-se dos outros corpos biológicos pelo fato de fazer e de ser feito. Ele é o mais heterônimo dos corpos, mais dependente, e paga essa dependência fazendo cultura, conhecimento, civilização. O corpo vive na linguagem, mas uma linguagem que se furta a todas as decodificações, porque é continuamente inventando à medida que vai sendo produzido.

(O Dicionário crítico de Educação física(2005,p.267)

Toda forma de movimento é uma expressão de linguagem, visto que os diferentes sujeitos estão inseridos em espaços sociais variados, logo não podemos apontar uma maneira única de expressão, nem tão pouco achar que as expressões corporais serão as mesmas, sem



considerar que a história é vivida, transmitida, construída, agregada e transformada, pois somos todos sujeitos históricos. Como aponta Azevedo (2022, p. 141), na reflexão sobre as competências comunicativas:

O desenvolvimento da competência comunicativa na escola a partir de situações sociais é, então, um meio para haver compreensão relativa aos lugares ocupados pelos participantes, o que também permite analisar os pontos de vista e papéis sociais assumidos pelos sujeitos em um determinado lugar sócio-histórico.

Dessa forma, afirma que as expressões corporais e artísticas precisam ser contextualizadas a fim de proporcionar aos estudantes das diferenciações das práticas corporais, bem como, na construção de discursos novos sobre o que foi socialmente construído sobre as diferentes pessoas, sobre os gêneros, cor da pele, as práticas corporais e artísticas escolhidas para serem vividas e praticadas.

Como confirma Azevedo(2022, p. 142),

O desenvolvimento da competência comunicativa na escola a partir de situações sociais é, então, um meio para haver compreensão relativa aos lugares ocupados pelos participantes, o que também permite analisar os pontos de vista e papéis sociais assumidos pelos sujeitos em um determinado lugar sócio-histórico.

Só conseguiremos vislumbrar uma possibilidade de mudança dos discursos, a fim de inicialmente na possibilidade de desconstruir discursos e reconstruí-los.

Soares et al (1992) nos trás uma reflexão sobre os eixos temáticos e os conhecimentos transversais da Educação física no espaço escolar:

Tratar desse sentido/significado abrange a compreensão das relações de interdependência que jogo, esporte, ginástica, dança, ou outros temas que venham a compor um programa, têm com os grandes problemas sócio-políticos atuais como: ecologia, papéis sexuais, saúde pública, relações sociais do trabalho, preconceitos sociais, raciais, da deficiência, da velhice, distribuição do solo urbano, distribuição da renda, dívida externa e outros. A reflexão sobre esses problemas é necessária se existe a pretensão de possibilitar ao estudante, entender a realidade social interpretando-a e explicando-a a partir dos seus interesses de classe social. Isso quer dizer que/cabe à escola promover a reflexão sobre a prática social. (SOARES, 1992, p. 42)



Mas essa reflexão não cabe apenas à área da Educação Física como também à área das Artes que abordam a linguagem pelo olhar artístico, o campo da dança, teatro, música, escrita, leitura, pintura, entre outros, e também são alvos de compreensões equivocadas ou limitadas sobre seus diferentes conteúdos, que em sua grande maioria foi construída para evidenciar as relações de poder entre os diferentes sujeitos. Cabe a nós, professores, resgatar os conhecimentos prévios e ampliar seus conhecimentos com os saberes científicos para que haja um salto qualitativo da aprendizagem e, por consequência, a superação dos discursos limitados, preconceituosos com uma valorização do autoconhecimento desse sujeito que vive a história e tem o poder de modificá-la. Assim, expõe Medeiros(2008) sobre a linguagem e relação com o poder:

A linguagem é lugar de poder e de tensão, ao mesmo tempo, que ela também nos oferece recursos para jogar com esse poder e essa tensão. A incompletude do discurso e do sujeito possibilita a atribuição de sentidos. Ao pensar a língua na relação à exterioridade, estamos caminhando em uma busca que concebe o discurso em abertura com o simbólico, constituído em uma rede formada por um processo cultural, histórico e político de produção. (MEDEIROS, 2008, p. 51)

É dessa mesma maneira que a relação de poder se manifesta nas práticas corporais e artísticas, e é de suma importância a reflexão crítica sobre quem são os produtores desses códigos e de qual maneira estão sendo vividas/apreciadas essas manifestações. Além disso, uma ação crítica sobre mensagens, códigos, linguagem e comunicação possibilita a construção de novos códigos, significados, novas ações, pois tudo está interligado com o que os sujeitos conhecem e a compreensão de ideologia que se vive.

Durante as aulas, sejam elas de Educação física ou de Artes, o professor precisa estar atento aos sinais que os estudantes trazem para a aula, visto que cada corpo traz consigo as representações de uma cultura no qual está inserido. Como confirmam Ladeira & Darido (2003, p. 37):

As emoções, os gestos e as posturas dos alunos nas aulas de Educação Física compõem textos que precisam ser considerados pelos professores, pois ao ler o corpo do aluno como um grande texto, o professor pode facilitar o seu trabalho de decifrar os vestígios da cultura em que está imerso aquele aluno, o



qual pode entender mais apropriadamente os diferentes textos e contextos caso faça também esta leitura.

A observação real dos estudantes permitirá descobrir qual o ponto de partida para iniciar o processo de confronto dos saberes, possibilitando que cada estudante possa compreender a si mesmo, como também o mesmo inserido na sociedade.

Orientações para realização de atividades

Considerando o que apresentamos acima, onde a linguagem é lugar de poder e de tensão, ao mesmo tempo, e que ela também nos oferece recursos para jogar com esse poder, e essa tensão, podemos pensar em atividades onde os estudantes associem o que é característico das linguagens corporais e/ou artísticas, (fundamentos, elementos, técnicas etc.) e associar ao sentido/significado que estes representam em seu contexto de vida, ou que estão historicamente referenciados, desde sua gênese até os dias atuais.

Enquanto possibilidades, sugerimos o Festival de Cultura Corporal e Artística, a produção de documentários, peças teatrais, performances, entre outras. Na construção coletiva de um festival da cultura corporal e artística, envolvendo toda a comunidade escolar, os estudantes escolheriam uma manifestação da cultura corporal e artística que fosse significativa para o seu contexto de vida, articulando tanto os elementos que são características daquela linguagem corporal e/ou artística, quanto os sentidos e significados que possam estar ligados a estas, desde sua gênese até os dias atuais, por exemplo, para a elaboração da apresentação para o festival.

Da mesma forma, poderia se pensar em uma produção de um documentário, uma performance, uma peça teatral, ou outras formas de culminância.



SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E ESPORTES

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
GERÊNCIA GERAL DE ENSINO MÉDIO E ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL
GERÊNCIA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

Orientações para a avaliação

Observar se os estudantes compreendem, avaliam e superam as situações de estranheza, resistência, conflitos interculturais originados da expressão corporal como linguagem estabelecida socialmente nas práticas corporais e artísticas e se reconhecem e utilizam a expressão corporal e artística como linguagem.



3. Práticas Corporais e Artísticas

Representada no componente curricular Educação Física, enquanto diversas manifestações da ginástica, dança, luta, esporte e práticas corporais de aventura, e no componente curricular Arte com as suas diferentes formas de linguagem - dança, performance, teatro, arte interativa (ou arte híbrida), expressão corporal, *body art* - enquanto práticas diretamente relacionadas ao que propõe esta Unidade Curricular, não pretendemos apontar um desses componentes como detentor da propriedade do uso, trabalho e ações a serem desenvolvidas, mas buscamos refletir que a linguagem não-verbal é campo de ação de área das Linguagens. Contudo, alertamos que cada componente apresenta sua especificidade e principalmente olhares dos professores e de sua aproximação com diferentes leituras. Compreendemos aqui que juntos, estes componentes possam trabalhar de maneira colaborativa para ampliar a compreensão desse corpo que se expressa.

No capítulo anterior, foi promovida uma reflexão (ainda que preliminar) sobre a expressão corporal como linguagem, onde o sujeito é consumidor e produtor de discursos ao mesmo tempo. Quando falamos em práticas corporais e artísticas situadas nesse contexto, convém afirmar que cada uma dessas práticas surgiu a partir de alguma necessidade, seja relacionada ao campo do trabalho, da sobrevivência, da contestação, ou de outras tantas.

Ao situar historicamente a ginástica, por exemplo, como “a arte de exercitar o corpo nu”, na Grécia, o discurso produzido é o do culto ao corpo, da preparação para as batalhas, da necessidade de manter o corpo físico fortalecido e esteticamente harmonioso. Quando surgem os Métodos Ginásticos na Europa, entre os séculos XIII e XIX¹, influenciados e fortalecidos pelas instituições médicas e militares, há a expectativa da preservação da saúde da população e da preparação dos soldados para o combate. Até que, no século XX, o movimento de esportivização da Ginástica se consolidou nas modalidades da ginástica competitiva que conhecemos hoje como mais uma faceta dessa prática corporal. Neste último período, podemos observar outros elementos articulados ao esporte Ginástica, como a perspectiva do

¹ Leia mais em: SOARES, Carmem Lúcia. Educação Física: Raízes Europeias e Brasil, 2001. 2ª ed.



alto rendimento, do esporte como profissão, do fazer parte de um time que representa o estado ou o país, da disciplina e dedicação que são necessários ao bom desempenho do atleta, do acesso à essa modalidade esportiva.

Voltando para a questão do discurso, gostaríamos de lançar algumas reflexões: o que se comunica quando vemos a participação de meninas brancas serem muito superiores a de meninas negras em competições internacionais de Ginástica? Será mero acaso? Seria uma hipótese considerar que há pouco investimento no acesso público à essa modalidade? Ou ainda de que as meninas negras não dispõem de tempo liberado para essa prática, pois precisam ocupá-lo no trabalho doméstico ou informal?

Questões como essas fazem parte do contexto social e cultural em que as as práticas corporais e artísticas são desenvolvidas e, à medida que o estudante tem acesso a essas informações, sua vivência sobre elas pode ganhar novos sentidos e significados.

Ainda trazendo exemplos de práticas corporais e artísticas, no campo da Dança, podemos percorrer o mesmo percurso histórico, de quando na antiguidade se dançava para adorar Deuses e forças da natureza e nos dias atuais, contraditoriamente, algumas religiões condenam o ato de dançar. Ao mesmo tempo, a dança é democraticamente praticada em diversos ambientes, sob diferentes intencionalidades e gerações.

Lançando o olhar sobre dois diferentes tipos de dança e seus contextos de produção, a autora Marília Amorim (2020), traz em seu artigo intitulado *O discurso da dança e o conceito de gênero - alguns elementos de leitura*, alguns aspectos interessantes ao propor um “exercício de leitura” sobre o que chama de “*Segundo fragmento: o dribble na rua*”:

No hip-hop, a improvisação e a criação da coreografia devem afirmar o estilo de cada dançarino que, partindo do tipo de enunciado comum ao gênero, reinventa a arte a cada vez. O dançarino enquanto autor aparece aqui mais claramente do que no balé clássico onde, apesar da autoria interpretativa do bailarino, é o coreógrafo quem mais aparece na posição de criador. Também no balé moderno e no contemporâneo, a criação se apresenta sempre associada ao nome do coreógrafo. Ou seja, as distinções constitutivas do balé clássico e que persistem na chamada dança contemporânea – palco-platéia, coreógrafo-dançarino, compositor-cenógrafo-figurinista-iluminador etc., quase desaparecem no hip hop da rua. Os



valores estéticos-sociais encarnados nas formas típicas do gênero discursivo do hip-hop remetem àqueles da cultura popular analisada por Bakhtin (2010)² ao tratar da obra de François Rabelais. As inversões do eixo alto/baixo, o desmoronamento do corpo perfeitamente esculpido, a indistinção palco-platéia e o cronotopo da praça no carnaval da Idade Média e do Renascimento, tudo parece apontar na direção do destronar e derrubar um mundo hierarquicamente rígido e opressivo para celebrar a vida e seu poder de criação e transformação.

(AMORIM, 2020. p. 81-82)

Como percebemos, os discursos produzidos pelas práticas corporais e artísticas estão a todo tempo comunicando questões socioculturais que nos rodeiam. Oportunizar o olhar sobre essa “paisagem” permite ao estudante ler a sua prática social e construir uma nova prática, mediada pelo professor que lança mão do conhecimento sistematizado enquanto produção humana.

Estética, Padrão de Beleza e Relações de Poder

Considerando que a sistematização dos conhecimentos fundamentais em torno da ginástica, dança, luta, esporte e práticas corporais de aventura, bem como na performance, teatro, arte interativa (ou arte híbrida), expressão corporal e *body art* já vem sendo trabalhados junto aos estudantes desde o Ensino Fundamental, sendo aprofundado no Ensino Médio, a partir das habilidades propostas pelo Currículo de Pernambuco, continuar problematizando essas questões relacionadas às práticas corporais e artísticas significa ampliar as possibilidades de abordagem sobre essas temáticas, tendo como eixo a mediação e a intervenção sociocultural.

Ao falar em estética, esse “*olhar com sensibilidade*”, onde geralmente relacionamos a beleza, trazemos algumas contribuições de FREITAS (2010):

Sendo uma das grandes contribuições que apareceram no campo da Estética, o pensamento kantiano chegou como uma reação que objetivou deslocar o centro da existência da Beleza do

² BAKHTIN, M. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento. O contexto de François Rabelais. 7. ed. Tradução Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010. [1965]



objeto para o sujeito, operando o que Geiger, em Suassuna (2005)³, chama de “uma verdadeira destruição da Estética”. Este fenômeno se deu porque, em vez de buscar a saída para os problemas estéticos, Kant procurou mostrar que, para eles, não haveria solução, explicando que esta impossibilidade decorreria da diferença extrema existente entre os juízos de conhecimento e os juízos estéticos (ou juízos de gosto).

Ao proferir um juízo estético como “Este corpo é belo”, não se emite nenhum conceito universal oferecido pelas propriedades do objeto (corpo), mas somente uma sensação que foi agradável ao sujeito. Ao mesmo tempo, quando diz “Este corpo é belo”, o sujeito não se contenta com o fato de isto ter validade só para ele: demanda um consentimento geral, como se tivesse emitido um conceito objetivo. Assim, Kant, em Suassuna (2005), afirma que a Beleza, ou melhor, “a satisfação determinada pelo juízo de gosto” - que é como ele preferia chamar a Beleza - é, em primeiro lugar e antes de mais nada, “aquilo que agrada universalmente sem conceito”.

(...)

Quando se fala em padrão, tem-se a ideia de uniformidade. No “campo” da Educação Física e do esporte, padrão e uniforme chegam a ser sinônimos quando usados para se referirem à vestimenta de uma equipe desportiva, tendo que ser igual para todos. Relacionada à beleza, que é um conceito bastante subjetivo, o padrão de beleza corporal seria um conjunto de características que um corpo deveria apresentar para ser considerado como belo por um determinado grupo de indivíduos. Porém, esta não é a única ideia associada à palavra padrão. Ferreira (2000)⁴ traz outras definições para padrão: “1. Modelo oficial de pesos e medidas; 2. O que serve de base ou norma para avaliação, medida; 3. Objeto que serve de modelo à feitura de outro”. Ligando estes conceitos à beleza corporal, especialmente o segundo e o terceiro, a ideia de padrão passa a ser viável. Tomando a segunda definição, o padrão de beleza corporal passaria, então, a se consubstanciar em um corpo que servisse de base para avaliação, ou seja, que fosse o parâmetro ao qual, com o objetivo de ser qualificado como belo, um segundo corpo fosse comparado. Quanto à definição de número três, mais estreitamente conectada com o

³ SUASSUNA, A. Iniciação à estética. 7.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

⁴ FERREIRA, A. Novo Aurélio século XXI: O dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000



exercício físico, o padrão se concretizaria em um corpo que forneceria as formas a serem copiadas na construção de outro corpo que buscasse ser belo.

(FREITAS, 2010. p. 392-393)

Considerando a beleza em sua subjetividade e que temos uma diversidade de corpos, sujeitos e histórias, ao problematizar essa temática junto aos estudantes, certamente traremos inúmeros elementos que podem ser associados às relações de gênero, raça e de poder, a exemplo da forma como se apresentam os cabelos, roupas, formas de dançar, uso de acessórios fixos ao corpo, entre outros.

Se avançarmos um pouco mais, podemos perceber essas relações de poder determinadas socialmente marcando algumas modalidades esportivas com estereótipos, como “futebol é esporte de menino”, “dança é pra menina”, “quem anda de skate é marginal”, entre outras rotulações.

Nesse contexto, a formação de grupos aproximados por interesse/demanda social é muito comum, como relata Juliana Rocha Adelino Dias em seu artigo *Adolescência, imagem corporal e socialização na escola* (2012):

Em virtude do prestígio atribuído ao grupo de amigos nesta fase da vida, observa-se que a aceitação social torna-se possivelmente um problema para um grande número de adolescentes. Pois, segundo o autor, na adolescência, seu próprio valor é determinado de acordo com a reação dos outros. Essa inclusão no grupo é, portanto, dependente de um julgamento favorável e da aceitação dos amigos. Coslin (2009) associa a aparência com o pertencimento social. Fazer parte de um grupo onde é possível identificar semelhanças no comportamento, roupas ou atitudes facilita uma estabilidade e proporciona um sentimento de pertença, o que é essencial neste período. O autor também afirma que, como para os adultos, o corpo assume para os adolescentes um importante papel nos relacionamentos com os colegas, na formação de grupos sociais e na construção de suas identidades. Compreende-se que o corpo é algo que vai além do orgânico, do fisiológico, do anatômico. Ele é social, político e recorrente à cultura do tempo e do espaço onde está inserido. Ele é a forma como se apresenta e como é idealizado, conforme expresso por Goellner:



“Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem “ (GOELLNER, 2007, p. 29)⁵.

Portanto, o corpo é a impressão do meio ao qual o indivíduo está inserido. Ele é cultural e repleto de sentidos. Ele reflete, por meio dos comportamentos, acessórios e vestimenta, o seu modo de ser, os costumes de um grupo ou de uma determinada população. Ele é envolvido de “signos sociais” e delineado de acordo com a “projeção do social” (MEDINA, 1990, p. 66)⁶. Pois, nele “(...) estão inseridas todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente que o cerca” (DAOLIO, 1995, p. 39)

(DIAS, 2012. Pág. 31-32)

Sendo assim, os aspectos apontados acima, enquanto típicos do jovem estudante do Ensino Médio, nos chama a atenção para a forma de abordagem das temáticas socioculturais propostas, articuladas às práticas corporais e artísticas como significativas não só para sua apropriação do estudo do que propõe esta Unidade Curricular, mas também para os usos, sentidos e significados que estes conhecimentos terão na vida desses estudantes.

⁵ GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Org.). Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 28-40.

⁶ MEDINA, J. P. S. O Brasileiro e seu corpo: educação e política do corpo. 2. ed. Campinas: Papirus, 1990.



Orientações para realização de atividades

No sentido de problematizar as relações de poder estabelecidas na nossa convivência social e nos fatores que são determinantes para a vivência das práticas de linguagem, poderiam ser desenvolvidas atividades que provocam simulações e/ou refletem situações da vida real, como por exemplo o *Role playing game* ou jogo de interpretação de papéis. Nele, um grupo de amigos se reúne para construir uma história, como se fosse um teatro de improviso. Existe um diretor, chamado de “narrador” ou “mestre”, que vai explicando o desenrolar da trama; e existem os jogadores, que modificam a história à medida que interpretam seus personagens.

Utilizando-se de estratégias desse tipo, os estudantes são provocados a refletir e a se posicionar sobre situações que lhes são pertinentes considerando a temática da expressão corporal e das práticas de linguagem associadas a ela.

Orientações para a avaliação

Observar se os estudantes se comunicam e se posicionam sobre questões socioculturais, utilizando as práticas corporais e artísticas de forma ética, com respeito às diferenças e à diversidade de ideias e opiniões. Podem ser utilizados instrumentos diversos que contemplem as etapas de preparação, execução e pós-produção, analisando o impacto gerado na turma após as reflexões provocadas.



4. Referencial Bibliográfico

AMORIM, Marília. **O discurso da dança e o conceito de gênero** – alguns elementos de leitura, 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/bak/a/DQKRtbwqMYDNFhqNWW5JhWb/?lang=pt#> Acessado em 17/10/2022.

AZEVEDO, M. S. **O Papel do Corpo no Corpo do Ator**. São Paulo: Perspectiva Editora, 2009.

AZEVEDO, I. C. M. **A Produção de Discursos a partir de Situações Comunicativas: Desafios e Possibilidades Didático-Pedagógicas**. Revista Linguagem em Foco, Fortaleza, v. 11, n. 1, p. 137–153, 2020. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/2943>. Acesso em: 17 out. 2022.

BARROS, Allan Delmiro. **Aproximações conceituais sobre linguagem na área de educação física**. Dissertação. 2017

<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/1302>

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria do Ensino Médio. Parâmetros curriculares nacionais do ensino médio. Brasília, 1999

BETTI, Mauro. **Educação física e Cultura Corporal de Movimento : uma perspectiva fenomenológica e semiótica**.. Artigo de Revisão. Educação Física/UEM Maringá, v. 18, n. 2, p. 207-217, 2. sem. 2007

CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves; MELO, Marlene Catarina de Oliveira Lopes de; BRITO, Maria José Menezes. **Relações de Gênero e de Poder: Repensando o Masculino e o Feminino nas Organizações**. Disponível em:

<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/enanpad2002-teo-1571.pdf>

COHEN. R.. **Performance Como Linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1989.

COHEN. B. B. **Sentir, Perceber e Agir: Educação Somática pelo Método Body Mind**. São Paulo: SESC Editora, 2017.

DAMACENO, Gabriela Santos **O Poder Nas Organizações** /. Fundação Educacional do Município de Assis – FEMA – Assis, 2018.

DICIONÁRIO CRÍTICO DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Dicionário crítico de educação física** / Org. Fernando Jaime González, Paulo Evaldo Fensterseifer. – Ijuí : Ed. Unijuí, 2005 – 424 p. – (Coleção educação física).

DIAS, Juliana Rocha Adelino. **O Corpo E As Relações Sociais Na Vida Escolar Do Adolescente**. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br> Acessado em 17/10/2022



FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar Edições, 2003

FERNANDES. C. FERNANDES. C. **O Corpo em Movimento**. São Paulo: Annablume Editora, 2006

FREITAS, Clara Maria Silvestre Monteiro. **O padrão de beleza corporal sobre o corpo feminino mediante o imc**. Rev. bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v.24, n.3, p.389-404, jul./set. 2010 . Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbefe/a/rMpVx4jWKSSJmm9zsGT6fjh/?format=pdf&lang=pt>
Acesso em 14/06/2022

GOMES DA SILVA,E. ; SANT'AGOSTINO, L.HF.; BETTI,M. **Expressão corporal e linguagem na Educação Física: uma perspectiva semiótica**. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, São Paulo, v.4, p. 29 -38, 2005. Disponível em
https://www.mackenzie.br/fileadmin/OLD/47/Graduacao/CCBS/Cursos/Educacao_Fisica/REMEFE-4-4-2005/art2_edfis4n4.pdf acessado em 13/10/2022

LADEIRA,M. A. T. & DARIDO, S. C.. **Educação Física e Linguagem: Algumas Considerações** Iniciais.Motriz, Rio Claro, v.9, n.1, p. 31 - 39, jan./abr. 2003. Disponível em
<http://www1.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/09n1/Ladeira.pdf> acessado em 15 out de 2022

LEHMANN.H.T. **Teatro Pós-dramático**. São Paulo: Cosac Naify , 2007.

MATTHIESEN, Sara Q., et. al. **Linguagem, Corpo e Educação Física**. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, v. 7, n. 2, p. 129-139, 2008.

MEDEIROS, Caciene Souza de. **As condições de produção e o discurso na mídia: a construção de um percurso de análise**. Anais do CELSUL 2008 Disponível em:
http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VIII/discurso_da_objetividad_e_e_condicoes.pdf

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992. Disponível em:
https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/73/o/Texto_49_-_Coletivo_de_Autores_-_Metodologia_de_Ensino_da_Ed._Fsica.pdf